



Contando um Segredo¹

Glarin BIF²

Camila do Rocio COELHO³

Carla Abe VICENTE⁴

Luiz Rogério CAMARGO⁵

Ariane Carla PEREIRA⁶

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, PR

RESUMO

O presente trabalho resultou na produção do documentário em vídeo intitulado “Contando um Segredo”, e foi desenvolvido na disciplina de “projetos experimentais em jornalismo” pelos alunos do quarto ano do curso de Comunicação Social-Jornalismo da Unicentro. O documentário mostra a relação da Fábrica de papel e Celulose Lutchter S/A, empresa norte-americana que se estabeleceu em Segredo, antigo distrito de Guarapuava e atual município de Foz do Jordão (Paraná) com moradores e ex-funcionários da empresa

PALAVRAS-CHAVE: documentário; memória; jornalismo; segredo; imaginário.

INTRODUÇÃO

A instalação da Companhia Lutchter S/A Papel e Celulose na cidade de Foz do Jordão, na época denominada Segredo, foi um acontecimento de grande impacto na região devido ao grande investimento necessário à sua execução. Em 1956 teve início as obras de construção da estrutura da fábrica. Sete anos mais tarde, em 1963 a fábrica começou as suas atividades de produção. Nessa época a região de Foz do Jordão era um local pouco desenvolvido e a instalação da fábrica impulsionou o crescimento da região, que passou a girar fundamentalmente em torno da fábrica. Foram construídas rodovias de acesso, casas para os funcionários em uma pequena vila nos arredores das instalações aonde chegaram a morar, no auge da produção da empresa, 1200 funcionários, aeroporto, hospital e comércio para atender aos trabalhadores.

No entanto, a fábrica fechou suas portas em dezembro de 1965, aparentemente sem nenhuma explicação, o que trouxe um gigantesco impacto negativo sobre a população de Segredo que, em sua maioria, dependia da fábrica para garantir sua sustentabilidade. A gigantesca estrutura deixou de funcionar, mantendo-se desde então apenas com um

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria jornalismo, modalidade Produção em jornalismo informativo – Noticiário, Reportagem, Entrevista.

² Aluno líder do grupo e estudante recém formado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: glarinb@yahoo.com.br.

³ Estudante recém formado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: camila_coelho77@hotmail.com.

⁴ Estudante recém formado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: carlabev@hotmail.com.

⁵ Estudante recém formado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: lrcamargo.roger@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: ariane_carla@uol.com.br.



reduzido quadro de funcionários responsável pela manutenção do local, mas sem que nada fosse produzido. Aos poucos todo o aparato construído em torno da fábrica foi se perdendo, as casas foram sendo desmanchadas e o maquinário vendido.

Desde a fundação até a rápida falência da fábrica, certa aura de mistério envolveu tudo quando a ela se relacionasse, principalmente no tocante às atividades desenvolvidas no período, as quais, julga-se não eram de todo conhecimento geral. Especula-se que, ao invés de apenas papel, a empresa também se dedicasse à extração clandestina de Urânio, fato, não comprovado, que muito mexeu com o imaginário popular.

A proposta do documentário “Contando um segredo”, como sugestão de Projeto Experimental em Jornalismo, surge então, principalmente, pela curiosidade, típica do jornalista, e pela vontade de registrar a memória do povo do município de Foz do Jordão. Dessa maneira, a realização, desde as pesquisas até a exibição, de um documentário como esse, produzido por quatro acadêmicos do último ano do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Unicentro, foi uma oportunidade de praticar, sistematicamente, muitos dos conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de graduação, como jornalismo interpretativo, jornalismo de dossiê, produção de reportagens, edição audiovisual e a feitura de um documentário em vídeo.

2 OBJETIVO

A produção do documentário objetivou o registro da identidade social e histórica da fábrica, trabalhadores, município e seus residentes. Ademais, permitiu também descobrir o modo como a fábrica contribuiu para a construção da identidade das pessoas e do município.

O trabalho pretendeu mostrar a interrelação da Companhia Lutchter, fábrica de papel, e o município de Foz do Jordão e seus moradores. Dentro dessa proposta, analisa a forma como essa interrelação mexeu com o imaginário popular e como é uma lembrança viva na memória das pessoas até os dias de hoje.

3 JUSTIFICATIVA

Quando surgiu a proposta do trabalho o município de Foz do Jordão não contava com nenhum registro de parte de sua história, nem livros, nem vídeos, etc. E preservar a memória de um povo é algo muito importante e também é papel do jornalista dentro da sociedade. Além da curiosidade de saber mais sobre a história, percebeu-se a necessidade de produzir algum material que pudesse ser fonte de futuras pesquisas sobre a cidade e seus



“segredos”. “Contando um segredo” não tem por objetivo contar se aquela ou àquela outra história é verdade ou não, mas, vem com o intuito de registrar o imaginário popular.

Este é um trabalho destinado principalmente à comunidade local do município de Foz do Jordão, onde a fábrica está localizada. Ao final da realização do documentário, o mesmo foi exibido na cidade de Foz do Jordão, cumprindo também com um dos compromissos da universidade pública, que é retribuir à sociedade os conhecimentos produzidos e/ou sistematizados no interior da academia, uma instituição pública.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A realização do trabalho foi dividida em etapas de pré-produção, produção e pós-produção. Nas etapas iniciais foi de suma importância a coleta de dados através de matérias jornalísticas publicadas em jornais locais da época, e também registros como fotografias pertencentes aos quase vinte entrevistados. Na execução do projeto foi necessário uma câmera, baterias, microfone e ilha de edição, cedidas pela universidade. O documentário teve duração de trinta minutos. E para dar embasamento teórico ao trabalho foram utilizados conceitos de jornalismo de dossiê, documentário, conceitos sobre memória popular, além de registros sobre a história do município e da Lutcher, objetos principais do estudo.

Foz do Jordão e a Lutcher

O município de Foz do Jordão está localizado as margens dos rios Jordão e Iguaçu, é pequeno e tem sua história repleta de lendas. Há poucos registros sobre a história do local, mas, de acordo com materiais da prefeitura municipal, as origens do lugar datam de aproximadamente 6.000 anos atrás, quando a região era ainda habitada por índios, que viviam em constante mudança de local, sempre margeando o rio Iguaçu e seus afluentes na região.

Com o descobrimento do Brasil houve o surgimento das missões colonizadoras, as missões jesuíticas. Os jesuítas carregavam consigo muitas coisas de valor, como ouro. Por volta do século XVII, essas missões partiam do litoral, interior adentro seguindo o rumo do rio Iguaçu. As missões jesuíticas geraram muitas lendas pelo Paraná. Acredita-se que grupos de jesuítas passaram pelo local do município, e que, segundo lendas da região, teriam enterrado alguns tesouros nas margens dos rios.

A Lutcher entra nesta história quando, em 1943, Henri Lutcher Brown, pai de Frederic Lutcher Brown, vinha estudando as possibilidades de instalação no Brasil de uma fábrica de celulose. 1957, seu filho, F. L. Brown, transferiu-se para o Uruguai onde montou



a maior fábrica de papel e celulose daquele país, a Cia. Industrial Del Sur S/A. F. L. Brown, entusiasmando com a idéia do pai, de estabelecer uma fábrica no Brasil, iniciou a procura de um lugar ideal, passando oito anos nessa busca. Fez várias viagens ao país, e resolveu localizar a fábrica no encontro dos rios Jordão e Iguaçu. Posteriormente a Companhia norte-americana Lutcher S/A, começou a desbravar o local para a instalação da fábrica de pasta de celulose; uma usina hidrelétrica para gerar a energia consumida na fábrica; um aeroporto, e ainda uma grande área residencial para os funcionários, tudo isso a alguns metros do Rio Jordão.

O local possuía muitas vantagens, entre elas as quedas d'água que garantiam energia elétrica necessária para a fábrica, além do local ser o centro de uma floresta de pinheiros. Com essas vantagens e bastante entusiasmado, cerca de um ano após definir o local da fábrica, ele mudou-se com sua família para São Paulo. Assim, começou a construção da fábrica.

A Lutcher veio para o Brasil, num momento em que o país recebeu muito investimento estrangeiro, muito disso a custa de empréstimos do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). O empréstimo a Lutcher foi o primeiro efetuado pelo BID no Brasil, em 14 de junho de 1961, segundo relatos de ex-funcionários, o empréstimo havia sido liberado em três parcelas, porém, a última não foi liberada, uma das hipóteses do possível fechamento da fábrica, por falta de capital para investimento.

Mas, muitos moradores acreditavam que, na verdade, a falência ocorreu devido ao fato de que a Lutcher S/A vinha extraindo clandestinamente "água pesada" (urânio) de suas terras, sem a devida autorização do governo brasileiro. Muitas lendas giram em torno da fábrica. Estórias de que Frederic Lutcher Brown, proprietário da companhia, teria deixado um caixão com um tesouro, afundado em baixo das águas do Rio Jordão, na altura em que o rio se encontra com o Iguaçu e forma belíssimas cachoeiras, ainda são contadas por moradores mais antigos de Foz do Jordão. Estes mesmos dizem haver um elevador subterrâneo na fábrica de celulose, que leva até uma mina secreta a metros e metros abaixo da terra, e de onde era extraído o urânio, ou a misteriosa "água pesada", explorado pelos norte-americanos. Todas essas lendas em torno da empresa, misturam-se com as crenças que já existiam a cerca da história do município.

O Jornalismo de dossiê

A questão de se o jornalismo de dossiê é ou não considerado um novo gênero de jornalismo ainda é bastante discutida. No entanto, casos importantes de ocorrência de dossiês têm sustentado a natureza dessa modalidade. Em determinados momentos, como



afirma Bernardo Kucinski, o jornalismo de dossiê “se confunde com o jornalismo investigativo porque seu conteúdo é quase sempre uma investigação obtida com considerável investimento de tempo e de recursos, e seu efeito é igualmente dramático” (KUCINSKI, 2010, Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq110920021.htm>).

Os dossiês, contudo, guardam suas particularidades, apontadas por Kucinski enquanto gênero e notícia:

- a) O dossiê não é uma investigação autônoma, apesar de se apresentar como tal.
- b) Se a investigação jornalística for substancial mesmo tendo como ponto de partida um dossiê, então se trata de jornalismo investigativo em estado quase puro.
- c) É feita em geral por agências do aparelho de Estado. O material coletado é assim publicado.
- d) Não se trata da notícia de um fato novo, mas da recriação de um fato novo.
- e) É um inventário dos acontecidos ou supostamente acontecidos. Conhecidos ou não. (KUCINSKI, 2010)

Documentário: Alguns aspectos

A dificuldade em estabelecer uma definição do que é documentário é partilhada por diversos autores. As questões levantadas são inúmeras e vão desde questões éticas, políticas, perpassando forma e conteúdo, entre outros. Segundo Nichols (2005), o que pode ser apontado como uma característica significativa do documentário é que ele difere da ficção e suas várias nuances - como a ficção científica, terror, drama, aventura etc – pois não se trata de uma abordagem que lida com um mundo “imaginado” pelo cineasta, e sim o mundo real, onde vivem pessoas reais. “Eles estão baseados em suposições diferentes sobre seus objetivos, envolvem um tipo de relação diferente entre o cineasta e seu tema e inspiram expectativas diversas no público” (NICHOLS, 2005, p.17).

Contudo, segundo o autor, essa diferença não é garantia de uma separação total entre ficção e documentário.

Alguns documentários utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à ficção, como, por exemplo, roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação. Alguns filmes de ficção utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à não-ficção ou ao documentário, como, por exemplo, filmagens externas, não-atores, câmeras portáteis, improvisação e imagens de arquivo (imagens filmadas por outra pessoa) (NICHOLS, 2005, p.17).



Dentro da problemática da definição, Curran afirma que a produção do documentário é uma atividade jornalística na qual os telespectadores são conduzidos à descobertas de novos mundos e experiências por meio da apresentação factual de acontecimentos. Estes, por sua vez, são retratados por meio de imagens e artefatos reais. A função do documentarista não é a de inventar fatos, e sim trabalhar com a realidade de modo criativo.

Ocorre que os documentaristas trabalham com fatos, não com ficção; não somos livres para inventar pontos de trama ou arcos de personagem e, em vez disso, temos de encontrá-los no material bruto da vida real. Nossas histórias dependem não da invenção criativa, e sim do arranjo criativo, e nossa narrativa deve ser feita sem o sacrifício da integridade jornalística (BERNARD, 2008, p.2)

Como é possível perceber, a definição abarca uma variada gama de aspectos. De forma geral, no entanto, e para fins didáticos, Fernão Pessoa Ramos apresenta uma definição mais concreta dessa problemática ao afirmar que

Documentário é uma narrativa basicamente com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados (RAMOS, 2008, p. 22).

Contudo, todas as definições concordam em um ponto: O documentário conta uma história. E vai além. Ao estabelecer essas asserções sobre o mundo, a produção documental permite a visualização de questões que necessitam de atenção. É uma visão fílmica do mundo, mas que coloca o telespectador diante de questões sociais e atuais, que apresentam problemáticas diversas e até algumas soluções possíveis. Isso porque “o vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2005, p.27).

Conceitos sobre memória popular

Fernão Pessoa Ramos aponta para o aparecimento, em 1960, de uma nova estilística do chamado cinema direto/verdade. Essa concepção, por sua vez, teve grande influência na produção de documentários, ao primar pelo diálogo com recurso de exposição dos argumentos. Segundo o autor, “a tendência mais participativa do cinema direto/verdade introduz no documentário uma nova maneira de enunciar: a entrevista ou o depoimento”



(RAMOS, 2008, p.23). Nesse tipo de produção evidencia-se a valorização do “eu”, aquele que fala em primeira pessoa e estabelece relações e afirmações tidas como verdadeiras sobre a sua própria vida. Em *Contando um Segredo*, a proposta vai diretamente ao encontro dessa tendência, pois os argumentos vão sendo expostos sob a forma de depoimentos.

Ainda seguindo essa linha, *Contando um Segredo* se insere na classificação denominada por Ramos como “documentário cabo”, no qual

A voz do saber, em sua nova forma, perde a exclusividade da modalidade *over*. Ainda temos a voz *over*, mas os enunciados assertivos são assumidos por entrevistas, depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo (flexionados para enunciar as asserções de que a narrativa necessita). O documentário, portanto, se caracteriza como narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si (RAMOS, 2008, p.24).

A fábrica Lutcher faz parte da história do município de Foz do Jordão. Sua história faz parte da memória popular e como tal, merece ser contada.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como qualquer trabalho, este foi dividido em etapas de pré-produção, quando foram levantadas pesquisas, possíveis entrevistados e demais necessidades que justificassem a realização do mesmo. Após seguiu-se produção e pós-produção

A produção e fechamento do roteiro foram feitos em etapas. Num primeiro momento, foram selecionados trechos de todos os entrevistados a fim de se contar a história da Lutcher a partir de tudo o quanto a equipe dispunha. No entanto, devido às dificuldades enfrentadas com relação às imagens para ilustrar os offs, a estrutura do roteiro e, portanto, do documentário como um todo, precisou ser repensada. Ao invés de offs entre cada fonte, optou-se pela roteirização de um documentário cuja linearidade narrativa foi estabelecida pelas próprias vozes dos entrevistados, uma “puxando” a outra. Dessa forma, pode-se organizar o texto de forma coerente dentro do objetivo proposto, que era o de contar a história da Lutcher a partir da relação direta com o imaginário popular dos moradores da região de Segredo – atual município de Foz do Jordão.

As dificuldades em relação às imagens se devem ao fato de a equipe não ter conseguido autorização dos dirigentes da fábrica Trombini – atual proprietária e responsável pela estrutura restante da Lutcher em Foz do Jordão – para gravações no interior da propriedade. Nesse meio tempo, a equipe trabalhou na coleta de entrevistas com

pessoas que presenciaram os acontecimentos relacionados à fábrica, direta ou indiretamente.

O texto possui apenas um off introdutório, para fins de contextualização do relato que se segue. Para a cobertura desse texto, foram utilizadas imagens gravadas externamente à fábrica, de locais públicos onde há certa visibilidade da estrutura ainda restante. De maneira complementar, foram utilizadas imagens de jornais antigos, fotografados em arquivos históricos da biblioteca municipal de Guarapuava. De igual modo, imagens digitalizadas de fotografias que mostram a fábrica e município na época foram aproveitadas do acervo pessoal de alguns entrevistados.

A maior parte das entrevistas foi feita em Foz do Jordão, com moradores que ainda vivem no município e que tiveram ligação com os acontecimentos da fábrica. Outras, porém, foram feitas em Guarapuava, onde atualmente residem algumas dessas pessoas. De início, as fontes foram selecionadas por uma das repórteres, natural do município de Foz do Jordão e, por conta disso, com algum conhecimento prévio de possíveis entrevistados. Porém, durante as conversas, os próprios entrevistados foram sugerindo outras fontes e o que cada uma poderia dizer a respeito de tal ou qual assunto.

Os entrevistados, em sua maioria, foram selecionados por conta de cargos ocupados na fábrica, ou serviços prestados a ela. Sendo testemunhas oculares dos acontecimentos, essas pessoas puderam contribuir com suas percepções e experiências pessoais em relação a eles. Foi esse o método adotado para a reconstrução do imaginário em torno da fábrica. Por outro lado, a fim de dar sustentação histórica aos fatos narrados, buscou-se o parecer de historiadores locais, os quais respaldam o conteúdo narrado pelo viés do imaginário.

6 CONSIDERAÇÕES

Para os quatro acadêmicos toda a produção do trabalho propiciou um aprendizado que servirá para toda a vida e desempenho profissional como futuros jornalistas. Como parte da conclusão do trabalho foi feita uma exibição do documentário no Colégio Estadual do Segredo, em Foz do Jordão, onde estiverem presentes algumas das pessoas entrevistadas para o documentário, secretários municipais, diretores e professores da escola. E o mesmo foi doado para a biblioteca do colégio. Durante a exibição, os entrevistados demonstraram várias reações, a maioria pode, através do documentário, lembrar o passado, uma época muito marcante para eles e para todo o local.

Desde o início do trabalho, os alunos sabiam que seria um trabalho penoso, principalmente pelas dificuldades de fontes oficiais sobre a história do município, fontes



sobre a história da empresa no local, dados de como foi o funcionamento da mesma. No decorrer da produção foi encontrada mais uma grande dificuldade, a resposta negativa quanto a possibilidade de serem feitas imagens dentro da fábrica.

O roteiro do documentário trabalhou no sentido de ser uma proposta de registro da memória das pessoas que viveram aquele período e que tiveram algum tipo de envolvimento com a Lutcher, ou passaram pelas transformações trazidas por ela. E, se partimos dessa idéia, acreditamos o objetivo foi alcançado. Ao final da produção, o resultado foi um trabalho inédito e ousado, desde a idéia inicial, que serviu para relembrar as pessoas envolvidas nesse trabalho e, principalmente, registrar a memória das pessoas, o imaginário popular e estabelecer a relação entre Lutcher e as pessoas envolvidas com a mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*. São Paulo: Edusp, 1992.

BERNARD, Sheila Curran. *Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BOND, F. Fraser. *Introdução ao Jornalismo: Uma análise do quarto poder em todas as suas formas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

KUCINSKI, Bernardo. *Notas sobre o jornalismo de dossiês*. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq110920021.htm> Acesso em 29 de março de 2010.

_____. *Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação*. Trad. Rafael Varela. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: SENAC, 2008.